Americanos acham que plano do Japão é perigoso

RÉGIS NESTROVSKI
Especial para O GLOBO

NOVA YORK — Os banqueiros americanos estão convencidos de que o plano japonês para a dívida externa é perigoso. Segundo uma fonte bancária do comitê credor, o país que cair na lista dos 28 bancos japoneses não vai conseguir mais um dólar dos Estados Unidos, além de ter seu crédito lesado no mundo financeiro. Os banqueiros americanos consultados por O GLOBO dizem que a idéia só favorece o Japão, já que “é uma nação que basicamente depende do comércio exterior”.

— Os japoneses falam uma coisa e fazem outra. O plano do banco de Tóquio e do Daichi Kangio Bank pode parecer uma boa coisa para os países com problemas de dívida, mas veja o caso da Argentina, que está negociando US\$ 2,15 bilhões em No-

va York e talvez só leve US\$ 1,5 bi, pois os japoneses estão retirando seus créditos, diz Wall Street Journal.

O plano japonês divulgado pelos jornais americanos diz que os 28 bancos japoneses, com créditos externos de US\$ 62 bilhões — sendo que US\$ 10 bilhões no Brasil —, colocariam os empréstimos não pagos numa firma especialmente feita para coletar este montante com sede nas ilhas Grand Cayman, nas Caraíbas.

“A idéia é boa mas não vai pegar nos Estados Unidos. Há muitos subsídios do governo japonês neste plano. Isso não passa pelo congresso americano. Muitos senadores e deputados estão falando exatamente o contrário, que é não salvar os bancos com o problema da dívida externa. As ilhas Cayman podem virar o Triângulo das Bermudas para os en-

dividados”, diz Alan Mackinnon, do Banco de Boston, um dos credores médios do Brasil nos Estados Unidos.

Enquanto os banqueiros continuavam discutindo, para outros países com dívidas fica cada vez mais claro em Nova York que há uma guerra de taxas de juros contra o Terceiro Mundo e até agora ninguém conseguiu o acordo que o México conseguiu no final do ano passado, com US\$ 7,7 bilhões em dinheiro novo, “spread” de 0,8% acima da Libor e renegociação de US\$ 44 bilhões do principal por 20 anos. O Chile teve juros com mais de 1% sobre a Libor, a Venezuela conseguiu 0,875% a mais, enquanto que Argentina, Equador e Filipinas continuavam sem um acordo e negociando desesperadamente com o coordenador William Rhodes (o mesmo do Brasil), na sede do Citibank.